

Resumo de Comunicação a apresentar na
Conferência Nacional de Educação Artística

**Reflexões sobre a importância do contributo dos Museus para uma
Educação Artística**

Como já afirmava Platão na “República”, a educação não pode nem deve ser deixada ao acaso ou relegada para plano secundário, pois só assim,

*“es posible una felicidad pública que haga del recto gobierno una verdadera realidad y no un mero sueño”.*¹

Constatamos efectivamente que não há hoje praticamente nenhum candidato eleitoral que não faça da reforma educativa um dos pontos fortes do seu programa de governo e, no entanto, o facto de o discurso sobre a crise da educação ser uma constante há cerca de três décadas, mostra bem que as repetidas propostas de reforma têm sido muito pouco conclusivas e não têm de modo algum conseguido restaurar a legitimidade educativa.²

J. Habermas afirmou há já algum tempo que a organização educativa se depara com uma crise cultural de motivação³ e Terrén, sociólogo da educação, acrescenta:

*“La función motivadora de la educación en la experiencia cotidiana de los individuos se arruina tanto más cuanto menos capaz es el sistema cultural de subsanar ese déficit de sentido y cuanto más se aleja su funcionamiento de los supuestos últimos sobre los que inicialmente residía su validez normativa”.*⁴

Para este autor, a sensação de crise, hoje sentida por todos aqueles que de um modo ou outro estão envolvidos na prática educativa, radica exactamente na crise de legitimidade que atravessam os mitos essenciais sobre os quais se ergueu a sua centralidade social, os ideais através dos quais se estabeleceu

¹ Terrén, Eduardo, *Educación y Modernidad, Entre la Utopia y la Burocracia*, 1999, Antrophos Editorial, Barcelona, p. 10

² Idem, p. 227

³ Habermas, J., 1975, *Problemas de Legitimación en el Capitalismo Tardío, Amorrortu, Buenos Aires, citado por Terrén, Eduardo, Educación y Modernidad, Entre la Utopia y la Burocracia*, 1999, Antrophos Editorial, Barcelona, p. 228

⁴ Terrén, Eduardo, *Educación y Modernidad, Entre la Utopia y la Burocracia*, 1999, Antrophos Editorial, Barcelona, p. 228

nos modos de vida que povoam o sentido comum da modernidade. Acrescenta ainda que, a espiral de estratégias compensatórias não consegue alcançar a motivação necessária para garantir o consenso e a lealdade de que a organização necessita, traduzindo-se assim a crise numa questão de identidade: - Em que consiste realmente educar? O que é educar para o futuro?

Cabe certamente a todos aqueles que pretendem de alguma forma reflectir sobre as imensas e gravíssimas questões que se colocam em relação ao processo educativo e às dificuldades que atravessa nos dias de hoje, equacionar estas questões e procurar contribuir para, em conjunto, dar sentido, criar motivação para que, aquilo a que chamamos educação possa ser de facto uma formidável energia transformadora na criação de um mundo mais culto, mais aberto, e, como tal, mais justo, mais solidário, numa palavra, mais “humano”.

- Se partimos do princípio que a educação artística contribui para a formação de seres humanos abertos ao mundo e a si mesmos, que a arte é a linguagem dos sentidos e a aprendizagem das emoções, e que só assim podemos formar cidadãos activos, críticos e intervenientes, não podemos deixar de nos interrogar acerca do papel dos museus de arte, não podemos deixar de reflectir sobre o contributo que podem e devem ter tanto na formação dos alunos como na dos professores.

*“Education is no longer seen as an adjunct function, but as an integral and vital element of a healthy museum”.*⁵

Vale a pena reflectir sobre o papel dos museus como espaços de educação:

Para que servem? Como podem acompanhar um mundo que se transforma continuamente? Como podem contribuir para ajudar os professores na sua prática pedagógica? Que papel, podem desempenhar na criação de sentido, no restabelecimento de uma motivação?

⁵ Hooper-Greenhill, Eilean, *Working in Museum and Gallery, Education, 10 Career Experiences,, Introduction, p. 1*

Um museu é um complexo espaço de encontros, talvez por isso bem diferente de muitos outros que conhecemos e frequentamos. É um espaço muito particular, um espaço privilegiado do encontro do homem com o objecto, um espaço onde nos podemos encontrar com outros seres humanos que viveram antes de nós, que tiveram desejos, aspirações e emoções, um espaço de silêncio e ao mesmo tempo de comunicação (mesmo que por vezes silenciosa), um espaço de introspecção e de descoberta onde através dos silêncios/conversas, nos podemos descobrir a nós e aos outros. Um espaço de confronto onde se misturam o passado e o presente, o individual e o colectivo, um espaço que nos pode sensibilizar para as necessidades de um presente e de um futuro diferentes, um espaço que a todos proporciona o sentir de emoções e “cultiver l’ émotion c’est cultiver l’intelligence”⁶

Os museus de arte são espaços de educação por excelência pois permitem a possibilidade de realizar experiências estéticas e o aluno ao fazer este tipo de experiência está a desenvolver-se em termos afectivos e emocionais e assim também em termos cognitivos, pois das experiências “vivas” resulta normalmente uma aprendizagem real e não apenas uma mecânica assimilação de conteúdos.

Exactamente por a arte não ser uma matéria escolar, por serem os museus os locais de contacto directo com as obras de arte, por esse contacto ser um factor de desenvolvimento cultural, afectivo e intelectual, têm estes o dever de estimular e ajudar os professores na preparação de visitas/experiências que estimulam a aquisição de conhecimentos transversais que permitem o desenvolvimento de diversas capacidades dos alunos devendo esta colaboração entre o museu e a escola constituir um tópico de reflexão para todos aqueles que pretendem dar o seu contributo para o efectivar de uma educação real e verdadeira que não o será nunca sem uma real e verdadeira educação artística,

Maria de Lourdes Riobom
Serviço de Educação
Museu Nacional de Arte Antiga

⁶ www.crdp-strasbourg.fr/cddp68/experience/plan/htm

